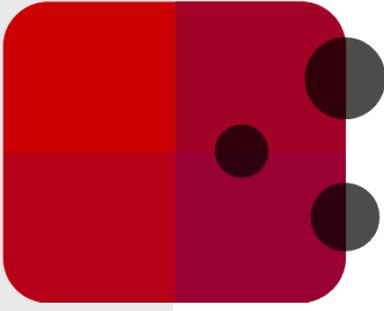


rebecca

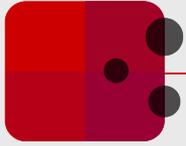


FORA DE QUADRO

Fragments de minha vida
com Carlão

Edgard Navarro¹

1. Edgard Navarro nasceu na Bahia e pertence à geração de superoitistas dos anos 1970, notáveis por sua irreverência (*O rei do cagaço*). Ao longo de 36 anos realizou muitos filmes premiados, como *Superoutro*, *Eu me lembro* e *O homem que não dormia*.



Fotos de Cristina Amaral e Andrea Tonacci (São Paulo, 2010)

Foi com imenso pesar que recebi a notícia da ida de Carlão Reichenbach pro céu. Éramos amigos de muitos anos e eu o admirava imensamente, como cineasta e como pessoa. Delicadeza, elegância, inteligência, sensibilidade, ternura... são as palavras que me chegam nesse momento em que deixo a memória ir trazendo suas ondas; mistura de saudade, raiva e resignação. Porque ele não era santo nem nada e também sabia ser feroz quando lhe pisavam os calos!

Um beijo no coração, querido. Esse coração que, cansado de sofrer, parou de bater, simplesmente. Você era hipocondríaco e tinha medo da dor, mas a passagem, pelo que eu soube, foi sem sofrimento.

Eu não sabia que aquele seria nosso último encontro: foi em sua casa, com Cristininha, quando bebemos vinho, comemos pizza, tocamos piano e falamos pelos cotovelos. Foi um belo encontro.



Conheci Carlão nos tempos do super-8. Através de Jairo Ferreira, soube que ele adorou *O rei do cagaço* e tal... Fomos nos reencontrar muitos anos depois, no Festival de Gramado. Ele tinha sido jurado naquele ano em que o festival consagrou *Superoutro*. Fiquei me sentindo importante porque Carlão com sua voz de trovão gritava maravilhas sobre meu trabalho, citava *O rei do cagaço* e tal. Isso foi em junho de 89.

Voltamos a nos encontrar pouco depois: havíamos participado do Rio Cine Festival, eu precisava ir a Sampa por conta de uma pesquisa para a Fundação Gregório de Mattos, da qual eu era funcionário. Tratava-se de um material de arquivo que estava na Cinemateca pra ser recuperado e eu tinha que falar com Carlos Roberto. Carlão me ofereceu carona, claro que eu topei na hora, sem pestanejar. Viajamos juntos: eu, ele e Cecílio Neto. Era um carro grande, talvez um Galaxie, mas o nome que teima em me vir à cabeça é Belair, talvez por causa de Bressane/Sganzerla. Eles iam no banco da frente, eu me aboletei no banco de trás e dormi refestelado durante a maior parte do percurso. Paramos pra tomar Toddy num lugar que segundo os dois era ponto obrigatório da Dutra. Durante instantes em que estive acordado pude ouvir fragmentos do que conversavam e notei que em algum momento falavam sobre mim: “Ele é talentoso... e culto, também... tem até certa erudição... você viu que bela citação de Fellini?...”, coisas assim. Eu sorria satisfeito fingindo dormir. Em Sampa tentei negociar a recuperação de parte da memória urbana da Bahia enquanto Raul Seixas estava morrendo por aqueles dias. Era agosto de 89.

Voltaria a encontrar Carlão algumas poucas vezes, sempre marcantes pra mim. Numa delas já era um pouco tarde, rodávamos a esmo pela cidade quando, por sugestão de algum diabo, fomos – Cristininha, Andrea, Carlão e eu – à casa de Ismail fazer deus sabe o quê. Ismail nos recebe com surpresa. Ele nos abriu a porta e uma garrafa com prazer; estava em companhia de uma criança, sua neta ou seu neto. Abriu sua casa e tomamos vinho e conversamos durante horas com alegria e entusiasmo...



De outra feita lembro que havia uma manifestação qualquer na Paulista, um quebra-quebra, talvez, polícia, ônibus incendiados... Vejo Carlão vindo a pé com sua altivez, na direção contrária à dos que fugiam do tumulto. A garoa em seu rosto impávido. Sua indignação era a indignação de todos. Projeto nele uma grandeza imensa, sinto-o como um El Cid, um Kagemusha. Imagino um Carlão samurai amarrado em seu cavalo para inspirar as gerações vindouras contra as hostes da violência sob a bandeira da anarquia, talvez, certamente empenhado num bom combate...

Por último, encontro Carlão em sua casa, novamente Cristininha conosco. Rimos, conversamos, comemos pizza, tocamos piano... Cris tirou uma foto nossa: testa com testa, nariz com nariz... Deve ter ficado muito boa... Mas diz ela que foi feita com meu celular... Ora, não consigo me lembrar que um celular serve pra tirar fotos. Se estava lá, não me lembrei de salvar e, aliás, aquele celular já foi irremediavelmente perdido.

Adeus, Comodoro! O cinema brasileiro perde um cineasta brilhante e um crítico arguto e mordaz da mediocridade. Perde um coração de ouro. Vamos sentir muito sua falta; mas é isso mesmo. Descanse em paz.

Desculpe, mas meu coração está sangrando... ■

Edgard Navarro